

**NOVAS**  
**máscaras**  
**de João DO**  
**RIO**







**Fábio Figueiredo Camargo**  
**Luiz Morando**  
Organização

# **NOVAS** **máscaras** **de João DO** **RIO**

o sexo da  
**PALAVRA**

---

1ª edição  
Uberlândia - MG

**2023**

Editor-chefe: Antonio K.valo  
Curador: Fábio Figueiredo Camargo  
Assistente: Barbara Caetano



#### CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim  
Ana Maria Colling  
André Luis Mitidieri  
Andréa Sirihal Werkema  
Antonio Fernandes Jr.  
Cláudia Maia  
Cleudemar Fernandes  
Davi Pinho  
Djalma Thurler  
Eliane Robert Moraes  
Eneida Maria de Souza  
Emerson Inácio  
Flávia Teixeira  
Flávio Pereira Camargo  
Joana Muylaert  
Larissa Pelúcio  
Leandro Colling  
Leonardo Mendes

Luciana Borges  
Luiz Morando  
Maria Elisa Moreira  
Mário César Lugarinho  
Nádia Batella Gotlib  
Patrícia Goulart Tondinelli  
Paulo César Garcia  
Renata Pimentel  
Ricardo Alves dos Santos  
Telma Borges  
Vinícius Lopes Passos

#### CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo  
Leonardo Francisco Soares  
Ivan Marcos Ribeiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.



O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais  
R. Benjamin Alves Santos, 1916 / ap. 21  
Sorocaba  
CEP: 38.408-376 | Uberlândia - MG  
CNPJ: 33.713.941/0001-21  
Printed in Brazil / Impresso no Brasil













# NOVAS máscaras de João DO RIO

Fábio Figueiredo Camargo  
Luiz Morando

**João do Rio** é daqueles literatos cujo baú de escritos sempre revela algumas surpresas ou novidades (ou ainda ambos juntamente). Muito do que ele publicou em jornais com seu pseudônimo mais conhecido ou outros (**P.B., Caran D’Ache, Paulo José, Antonio José Antonio, Joe**) ainda está por ser reunido em livro. Esta edição recolhe quatorze contos de **João do Rio** transpondo o período de 1900 a 1920, sendo que “Ódio (Páginas de um diário)” foi recentemente incluído em uma antologia de textos do autor<sup>1</sup>; “Pavor”, o próprio **João do Rio** inseriu em *Rosário da ilusão*; outros três foram publicados postumamente no livro *Celebridades, desejo*, de 1932. As outras nove narrativas foram publicadas em jornais pelo próprio autor e são reunidas pela primeira vez nesta edição da editora **O Sexo da Palavra**.

João Paulo Alberto Coelho Barreto nasceu em 5 de agosto de 1881 e morreu em 23 de junho de 1921. Ao longo de seus quarenta anos incompletos, ele se enveredou pelo jornalismo, pela dramaturgia, pela literatura, pela tradução, além de ter sido um vibrante *causeur*, dândi, observador dos costumes e da cultura do seu tempo. Seu pseudônimo **João do Rio**, pelo qual ficou mais conhecido, teve origem com a publicação da crônica “O prefeito” na coluna “A vida do Rio”, do jornal *Gazeta de Notícias* de 3 de maio

---

<sup>1</sup> Cf. RIO, João do. *Crônica, folhetim, teatro*. Seleção e apresentação de Graziella Beting. 2. ed. São Paulo: Carambaia, 2019.

de 1903<sup>2</sup>. Com ela já se revelam alguns dos traços que perdurarão como base de suas crônicas: a estrutura dialogada; o perfil de um personagem do seu tempo (nesse caso, o do prefeito Pereira Passos); as alfinetadas sutis e irônicas ao debate promovido pelo contexto (aqui, o Bota-abaixo e a construção da Avenida Central); a escolha de um tema contemporâneo e polêmico; o tom de abordagem ameno e ao mesmo tempo enérgico; um ritmo fluente e vivo. Esses elementos se derramarão sobre seus contos e os dois romances produzidos.

Nesse sentido, os contos reunidos nesta coletânea exemplificam alguns desses elementos. Além disso, eles apontam para uma série literária por meio da qual se pode perceber um desenvolvimento maduro dos artifícios artísticos do autor. A série se inicia com o conto “Ódio (Páginas de um diário)”, publicado no jornal *Cidade do Rio* em 19 de maio de 1900, assinado como Paulo Barreto. A disputa entre o narrador Fábio de Aguiar e o personagem Felisbrino dos Santos – disputa da qual apenas o narrador tem consciência – remete ao tema que será retomado com mais vigor no já bem conhecido conto “Dentro da noite”, de 1910: o prazer sádico, aqui de braços dados com um ódio gratuito, um “rancor de vinte anos” por Felisbrino.

“O ‘Papa defuntos’” aparece no jornal *Gazeta de Notícias*, com o qual o autor colabora entre 1903 e 1915. Essa narrativa é de 1907, contendo um parentesco muito claro com os contos reunidos em

---

2 João Carlos Rodrigues menciona que o pseudônimo João do Rio surgiu pela primeira vez em crônica publicada em 4 de janeiro de 1904. Cf. RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio*: catálogo bibliográfico 1899-1921. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994. p. 11. Na edição revista da biografia de João do Rio, Rodrigues altera essa informação estabelecendo a data de 26 de novembro de 1904 para o aparecimento do pseudônimo com a série de reportagens “O Brasil lê”. Cf. RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio*: vida, paixão e obra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 49. Trata-se, porém, de um erro de revisão da obra: aquela série se inicia naquele dia e mês de 1903.

Por sua vez, Raúl Antelo alude vagamente que Paulo Barreto “assina a primeira crônica como João do Rio” no final de 1903. Cf. RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Organização de Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 28.

No entanto, consulta ao portal da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional esclarece que esse pseudônimo já era usado desde 3 de maio de 1903. Cf. em [https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730\\_04&pasta=ano%201900&pesq=%22Jo%20do%20Rio%22&pagfis=5669](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%201900&pesq=%22Jo%20do%20Rio%22&pagfis=5669)

*Dentro da noite* (instigando a curiosidade por saber o motivo pelo qual **João do Rio** não o inseriu nessa coletânea de 1910). Aqui, um legista encarna um personagem de aparência grotesca, lívida, estranha, com “um cheiro de podridão humana”, que causa repulsa e atração ao narrador. Este o segue pela madrugada, estabelecendo com o legista certa relação de aprendizagem sobre a natureza humana.

Um tema caro a **João do Rio** foi o carnaval e a simbologia erótico-sexual decorrente dessa festa popular, que atravessará vários de seus contos, entre os quais aquele que adquiriu maior reconhecimento: “O bebê de tarlatana rosa”. O conto “Atrás do máscara (Corrida de carnaval)” foi publicado em 1908, mesmo ano em que apareceu um de seus livros mais representativos: *A alma encantadora das ruas*. Nesse conto, o “delírio do cordão carnavalesco” e o “tumulto pândego” são o plano de fundo para a perseguição que dois personagens empreendem a um terceiro vestido com a máscara da Morte. Em meio à alegria, ao desvario, ao paroxismo (elemento constante na produção ficcional de **João do Rio**), a atração vai se acentuando, ganhando um tom agônico nas últimas horas do último dia das folias de Momo.

“O fim de uma vida”, publicado na *Gazeta de Notícias* em 8 de abril de 1909, apresenta o perfil da curta existência de Lulu Soares, do apogeu à sua derrocada. Entre as narrativas concentradas nesta coletânea, este talvez seja o texto com maior apelo realista-naturalista, com a suposta intenção de apresentar um personagem que se desfaz do seu patrimônio por trazer em si “ruínas morais” e um “desequilíbrio nêurico” convivendo com certa maldição do dinheiro.

Ainda de 1909, o conto “Os apaches de Paris” é publicado na *Gazeta de Notícias*. O texto é, provavelmente, baseado em vivência apreendida em sua primeira viagem à Europa, quando o autor visitou Portugal e França. O narrador-personagem relata a convivência com os apaches parisienses, um misto de malandro e prostituto. É um narrador com olhar etnográfico que já havia dado as caras em *As religiões no Rio*, em 1904, e retornará logo em seguida em *Dentro da noite*, em 1910.

Uma série de crônicas e contos pouco conhecida de **João do Rio** foi “Kodacks da vida”, publicada no jornal *A Notícia* ao longo de 1909, mesmo ano em que ele publica seu livro *Cinematógrafo*. O título da série toma a máquina fotográfica e seu poder de apreender um instantâneo da vida como forma de simbolizar a mirada do cronista. O conto “O amor de João”, saído na edição de 28 e 29 de agosto, coloca em primeiro plano um português imigrado que retrata o motivo de sua desilusão amorosa e sua desistência momentânea por não gostar das mulheres.

Talvez brincando com o aforismo “a arte imita a vida”, na edição de 29 e 30 de julho de 1911 de *A Notícia*, **João do Rio** publica “O assassino”. No mês anterior, uma prostituta fora assassinada na região boêmia do Rio de Janeiro e o crime mobilizou a polícia, criticada pela imprensa por sua inabilidade e imperícia para localizar o responsável. Assim, **João do Rio** cria um personagem jornalista que cede sua voz a um assassino que se ocupa em descrever o crime, sua motivação, seu método e sua filosofia. O enredo se desenvolve na tentativa de justificar o cometimento de um crime motivado pela curiosidade de saber como é assassinar uma pessoa. De certo modo, **João do Rio** antecipa em três anos o tema do ato gratuito, que André Gide vai desenvolver com o personagem Lafcadio em seu romance *Os subterrâneos do Vaticano*, bem como explicita certa filiação ao escritor inglês Thomas de Quincey, autor do artigo “O assassinato considerado como uma das belas artes”.

Três meses depois, movido pelas repercussões de novo crime contra uma prostituta, **João do Rio** aproveita a ocasião para trazer novamente seu personagem assassino ao palco e publica no mesmo jornal “O assassino volta a escrever-me...”. Então, o autor aprofunda o jogo criado anteriormente, dando um pouco mais de cor a seu personagem-assassino e tensionando mais as motivações existenciais e místicas desse sujeito.

Também é de 1911 o conto “Uma pequena vida...”, publicado na *Gazeta de Notícias*. Com um conteúdo subliminar de linhagem naturalista, a narrativa retrata a infância de Nair, tratada como Baby

– uma criança que cresce apavorada por se ver um estorvo para a mãe e o pai. Ambos vivem uma relação conflituosa, marcada por traços morais e de personalidade dados como desviantes, os quais acabam por afetar as condições afetivas e psicológicas de Baby, levando-a a uma atitude exasperante.

O conto seguinte desta coletânea é “Pavor”, publicado em 1918 no jornal *O Paiz* e reunido pelo autor ao seu livro *Rosário da ilusão*. O título é bastante expressivo da atmosfera criada na narrativa e na qual o personagem está mergulhado. Com clara inspiração nas narrativas de Edgar Allan Poe, **João do Rio** retrata as poucas horas de sono atormentado que um personagem tem após voltar de madrugada ao seu quarto de pensão e se sentir perseguido pela sensação de alguém que o observa e tenta lhe agredir. A sensação opressora e o sentimento de medo que o personagem tem se espriam pela narrativa, prendendo a curiosidade do(a) leitor(a).

O conto satírico “O homem macaco” foi publicado em 1920, também em *O Paiz*. Em tom de blague e pilhéria, **João do Rio** cria uma narrativa em que o exótico é representado para expor a ingenuidade do europeu diante daquilo que o próprio imaginário europeu, em épocas pgressas, criou sobre as culturas para além de suas fronteiras. Além disso, o autor trata de tirar um sarro da teoria darwinista...

Os três contos finais aqui reunidos foram extraídos do livro póstumo *Celebridades, desejo*, publicado em 1932, e com uma circulação ainda bastante restrita em face de suas outras obras. Na nota explicativa àquele volume, sem assinatura, é esclarecido o seguinte: “Em cumprimento dessa cláusula testamentária aparece este livro, que estava por ele [Paulo Barreto] coligido, numerado, emendado, sob a epígrafe que conservamos – ‘Celebridades-Desejo’ – e com a nota de inédito.”<sup>3</sup> Nesse sentido, consideramos significativo oferecer às leitoras e aos leitores a possibilidade de conhecer três peças daquele livro.

---

3 RIO, João do. *Celebridades, desejo*. Rio de Janeiro: Of. Graf. da Pátria Portuguesa e Lusitana, 1932. p. 1.


Em “A menina Tântalo”, **João do Rio** retoma uma estratégia bastante comum em várias de suas narrativas: em uma roda de homens da alta sociedade, um tema é colocado para ser desenvolvido e revelar um pouco da personalidade desses personagens. Acostumados ao *far niente* que a condição socioeconômica lhes permite, esses personagens dialogam com uma vendedora de cigarros que encarna a figura mitológica de Tântalo: aquele que não consegue satisfazer seu desejo de fome e sede diante da fartura exposta a si. A vendedora de cigarros não consegue alcançar seu desejo de obter um noivo, assim como aquela roda de homens experientes ainda não conseguiu realizar seu desejo de amar.

Com “Os cães”, **João do Rio** parece se aproximar de Jack London e a reflexão sobre o quanto a natureza humana e a dos animais se aproximam e se correspondem. Nessa narrativa, um personagem que não gosta de cães se vê obrigado a cuidar de dois. Dessa relação, surge a possibilidade de compreensão da carga indomável do desejo erótico-sexual e do grau de animalidade que compõe o humano. A narrativa ainda se constitui de um componente poeano quanto à forma de caracterizar o ambiente de sofreguidão, excitação e lascívia no qual estão envolvidos os dois cães e seu cuidador.

Por fim, “Um baile de carnaval” reúne um conjunto de cenas em que personagens diversos representam a fatuidade do desejo, as oportunidades de sedução e engano, a hipocrisia social e a fachada de cortesia entre as pessoas. O ambiente do salão e a celebração do festejo momesco se tornam uma metáfora para se discutir as segundas intenções que subjazem às relações humanas. A narrativa mais se assemelha a um ponto de partida para um projeto maior cujo fôlego foi interrompido pela morte do autor.

*Novas máscaras de João do Rio* tenta instigar a leitora e o leitor a revisitarem esse autor por meio de narrativas novas – algumas inéditas em livro, outras que pouco circularam ao longo do contato com sua herança que completou cem anos há pouco. Estes quatorze contos constituem facetas que podem nos levar a uma melhor compreensão e ressignificação da importância de **João do Rio** para nossa literatura.





**Fábio Figueiredo Camargo** é professor Associado do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários. Possui doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e Mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Cumpriu estágio de pós-doutoramento no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi coordenador do GT Homocultura e Linguagens da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Autor de *A escrita dissimulada: um estudo de Helena, Dom Casmurro e Esaú e Jacó, de Machado de Assis* (O Sexo da Palavra, 2020); *A vida suspensa* (Scriptum, 2014); e *Escrever o pai é escrever-se* (O Sexo da Palavra, 2021).

**Luiz Morando** é doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Desenvolve pesquisa autônoma e independente sobre resgate da memória das identidades LGBTQIA+ de Belo Horizonte, no período entre 1946 e 1989. Autor dos livros *Paraíso das Maravilhas: uma história do Crime do Parque* (2008, Fino Traço), *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte* (2020, O Sexo da Palavra) e de diversos artigos sobre seu tema de pesquisa publicados em periódicos acadêmicos e livros.

Os organizadores.

